

Nas entrelinhas da medicina.
Cartas e a fabricação da eugenia luso-brasileira
(1920-1930)¹

Between the Lines of Medicine.
Letters and the Construction of
Luso-Brazilian Eugenics (1920-1930)

Daniel Florence Giesbrecht

Daniel Florence Giesbrecht
Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20)
ORCID: 0000-0003-4142-6860

¹ Trabalho laureado com o 1.º lugar do Prêmio Joffre Marcondes de Rezende 2025, concedido pela Sociedade Brasileira de História da Medicina (SBHM) no XXIX Congresso Brasileiro de História da Medicina e no IX Congresso Pan-americano de História da Medicina, realizados na Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, 4-7 nov. 2025.

NAS ENTRELINHAS DA MEDICINA. CARTAS E A FABRICAÇÃO DA EUGENIA LUSO-BRASILEIRA (1920-1930)

Este estudo analisa correspondências inéditas entre Renato Kehl, médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e António Mendes Correia, médico, antropólogo e catedrático da Universidade do Porto, realizando uma contribuição original para a história da medicina no Atlântico. Conservadas em arquivos no Brasil e em Portugal, as cartas são tratadas como dispositivos de prestígio, funcionando como tecnologias de governo da vida, formas de consagração científica e mediadores de circulação transatlântica. Para além de meros registos pessoais, revelam estratégias de legitimação e disputas por autoridade em um campo marcado por assimetrias coloniais. O intercâmbio ilumina a ambivalência da eugenia luso-brasileira, que combinava aconselhamento moral e projetos de exclusão velada, desafiando a narrativa da chamada “brandura latina” e oferecendo uma contribuição original à historiografia da medicina.

Palavras-chave: História da Medicina; Eugenia; Correspondência Científica; Biopolítica; Prestígio Científico.

BETWEEN THE LINES OF MEDICINE. LETTERS AND THE CONSTRUCTION OF LUSO-BRAZILIAN EUGENICS (1920-1930)

This study analyzes unpublished correspondence between Renato Kehl, physician graduated from the Rio de Janeiro Medical School, and António Mendes Correia, physician, anthropologist and professor at the University of Porto, contributing originally to the history of medicine in the Atlantic world. Preserved in archives in Brazil and Portugal, the letters are examined as instruments of prestige, functioning as technologies of governing life, forms of scientific consecration, and mediators of transatlantic circulation. Beyond personal records, they reveal strategies of legitimation and disputes over authority within a field marked by colonial asymmetries. The exchange highlights the ambivalence of Luso-Brazilian eugenics, which combined moral counselling with covert exclusionary projects, challenging the historiographical notion of a “Latin mildness” and offering an original contribution to the historiography of medicine.

Keywords: History of Medicine; Eugenics; Scientific Correspondence; Biopolitics; Scientific Prestige.

ENTRE LES LIGNES DE LA MÉDECINE. LETTRES ET LA CONSTRUCTION DE L'EUGÉNISME LUSO-BRÉSILIEN (1920-1930)

Cette étude analyse la correspondance inédite entre Renato Kehl, médecin diplômé de la Faculté de Médecine de Rio de Janeiro, et António Mendes Correia, médecin, anthropologiste et professeur à l'Université de Porto, apportant une contribution originale à l'histoire de la médecine dans le monde atlantique. Conservées dans des archives au Brésil et au Portugal, les lettres sont examinées comme des instruments de prestige, fonctionnant comme des technologies de gouvernement de la vie, des formes de consécration scientifique et des médiateurs de la circulation transatlantique. Au-delà de documents personnels, elles révèlent des stratégies de légitimation et des conflits d'autorité au sein d'un champ marqué par des asymétries coloniales. Cet échange souligne l'ambivalence de l'eugénisme luso-brésilien, qui alliait conseils moraux et projets d'exclusion dissimulés, remettant en cause la notion historiographique d'une « douceur latine » et proposant une contribution originale à l'historiographie de la médecine.

Mots-clés: Histoire de la Médecine; Eugénisme; Correspondance Scientifique; Politique biomédicale; Prestige Scientifique.

Intelectuais como Renato Ferraz Kehl (1889-1974) e António Mendes Correia (1888-1960) consolidaram a eugenia, nas primeiras décadas do século XX, como parte integrante da racionalidade médica, articulando-a a programas de higiene, saúde pública e pedagogia social. Forjada como projeto de regeneração nacional e ordenamento biopolítico, a “ciência de Galton” – como a eugenia ficou conhecida – inscreveu-se nas ansiedades de modernização que atravessavam Brasil e Portugal². Seu prestígio derivava tanto da autoridade das faculdades de medicina quanto da circulação internacional de doutrinas científicas, conformando um campo híbrido em que medicina, antropologia e política se entrelaçavam³.

Nesse horizonte, Kehl – médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo (1918) – e Mendes Correia – igualmente médico de formação, antropólogo e catedrático da Universidade do Porto, à frente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAÉ) – destacam-se como figuras centrais. As correspondências que trocaram, preservadas em arquivos no Brasil e em Portugal, constituem fontes primárias até agora pouco exploradas. Elas não se limitavam a registrar uma interlocução científica; funcionavam também como dispositivos de prestígio, em que o envio de livros, elogios e convites operava como forma de autoridade e consagração mútua.

A análise deste corpus epistolar, em diálogo com periódicos científicos e obras de época, permite repensar a narrativa de uma “eugenia latina branda”⁴. À luz de Michel Foucault, as epístolas são compreendidas como tecnologia de governo da vida⁵; em Pierre Bourdieu, como capital simbólico e forma de inscrição do prestígio⁶; e, em Bruno Latour⁷, como mediadoras de redes que transbordam fronteiras nacionais. O intercâmbio revela uma lógica ambivalente, em que o aconselhamento moral coexistia com propostas de seleção rigorosa e exclusão encoberta, inserindo-se em disputas de prestígio que ecoavam hierarquias coloniais. A carta emerge, assim, transcendendo a função de registro para afirmar-se como operador de poder e artefacto performativo da ciência moderna.

² KEVLES, Daniel J. *In the name of eugenics. Genetics and the uses of human heredity*. Cambridge (MA): Harvard University Press, 1985; DIKÖTTER, Frank. Race culture. Recent perspectives on the history of eugenics. *American Historical Review*, v. 103, n. 2, 1998, pp. 467-478.

³ STEPAN, Nancy Leys. *The hour of eugenics*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1991; CLEMINSON, Richard. *Catholicism, race and empire. Eugenics in Portugal, 1900-1950*. Budapest: Central European University Press, 2014, pp. 69-87.

⁴ MENDES CORREIA, António. Carta a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 11 maio 1922. Fundo Renato Kehl, Casa de Oswaldo Cruz; KEHL, Renato Ferraz. *Eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia do Anuário do Brasil, 1930; TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin eugenics in comparative perspective*. London: Bloomsbury, 2014; CLEMINSON, Richard. Between Germanic and Latin eugenics: Portugal, 1930-1960. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 23, supl., 2016, pp. 73-91; WEGNER, Robert. “Eugénisme latin”, une construction de l'historiographie anglo-saxonne. In: TABEL, Xavier; MARTINEZ, Florence; PELOILLE, Marie (eds.). *Fabriques latines de l'eugénisme: 1850-1930*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2024. pp. 176-177.

⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

⁶ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

⁷ LATOUR, Bruno. *Reassembling the social. An introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Cartas como dispositivo de prestígio

As correspondências trocadas entre Renato Kehl e Antônio Mendes Correia revelam como a epístola médica funcionava como tecnologia de inscrição simbólica. Longe de se limitar a cumprimentos ou notícias editoriais, a carta operava como meio de consagração mútua, ampliando redes de reconhecimento e autoridade científica. Já em 1925, por exemplo, Mendes Correia lamentava a escassa repercussão de suas obras no Brasil, queixando-se de possuir “relações mais remuneradoras na Argentina”⁸. O gesto, além de uma mera confiança pessoal, evidencia a tentativa de mobilizar Kehl como mediador de sua entrada no mercado editorial brasileiro, numa rede que articulava interesses nacionais e expectativas pessoais.

A reciprocidade emergia no envio de livros, resenhas e elogios. Kehl remeteu seu recém-lançado livro *Bíblia da Saúde*, publicado em 1926, que foi celebrado por Correia como “obra de apostolado e vigor pedagógico”⁹. O elogio, porém, não ficou restrito à esfera privada: converteu-se em resenha publicada nos *Trabalhos da SPAE*, periódico da instituição comandada por Correia, inserindo o brasileiro no espaço acadêmico lusitano¹⁰. Tal prática confirma que o ato epistolar tinha função performativa, transformando a circulação de objetos – livros, artigos, pareceres – em capital simbólico¹¹. Nesse circuito, cada carta ultrapassava a intimidade dos interlocutores, projetando-os perante um público invisível de editores, leitores e instituições legitimadoras.

Esse jogo de consagrações evidencia que o arquivo epistolar não somente registra a história, mas a produz. Os *Annaes de Eugenia*, por exemplo, já assinalavam o esforço de Renato Kehl em ancorar o movimento brasileiro em tradições científicas europeias¹², enquanto os *Trabalhos da SPAE* consolidavam Mendes Correia como referência da antropologia médica portuguesa. Ao cruzar tais fontes, observa-se que a carta funcionava como mediador de redes transnacionais, operando num campo de poder assimétrico em que o prestígio europeu ainda ditava critérios de legitimação¹³. As epístolas, assim, inscrevem-se na genealogia da eugenia como artefactos performativos, em que os documentos têm um papel constitutivo, e não meramente reflexivo, sobre a ciência como prática social, biopolítica e relacional.

⁸ MENDES CORREIA, Antônio. Carta a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 16 dez. 1925. Fundo Renato Kehl, Casa de Oswaldo Cruz.

⁹ MENDES CORREIA, Antônio. Carta a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 12 jul. 1926. Fundo Renato Kehl, Casa de Oswaldo Cruz.

¹⁰ SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA. *Trabalhos da SPAE*, v. 3, fasc. 1. Porto: SPAE, 1926, pp. 81-82.

¹¹ BOURDIEU, *O poder simbólico...*, op. cit.

¹² SOCIEDADE EUGÊNICA DE SÃO PAULO. *Annaes de eugenia*. São Paulo: Revista do Brasil, 1919.

¹³ LATOUR, *Reassembling the social*, op. cit.; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Renato Kehl e a eugenia no Brasil*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2019; MATOS, Patrícia Ferraz de. *Anthropology, nationalism and colonialism. Mendes Correia and the Porto School of Anthropology*. New York: Berghahn Books, 2023.

Crítica ao modelo de “eugenia latina”

É justamente nesta dimensão social, biopolítica e relacional que a correspondência desautoriza a narrativa de uma “eugenia latina branda”. A historiografia – notadamente a de matriz anglo-americana – consolidou a ideia de uma “eugenia latina” marcada pela moderação, supostamente limitada a práticas preventivas, educativas e morais¹⁴. Essa classificação, ainda hoje reiterada, contrasta com as evidências encontradas nas correspondências entre Kehl e Mendes Correia e em publicações de época. No Brasil, o médico brasileiro defendia abertamente a necessidade de uma legislação matrimonial e chegou a propor medidas de esterilização em nome da saúde pública, como atestam seus textos no *Boletim de Eugenia*¹⁵. Em Portugal, Mendes Correia, no relatório oficial *O Problema Eugénico em Portugal* (1928), defendia medidas de higiene social e profilaxia matrimonial que, embora formuladas em sintonia com o discurso católico, apontavam para uma política de triagem biológica e de regulação da reprodução¹⁶.

As cartas revelam que tais práticas não se reduziam a conselhos inofensivos, mas operavam como formas de exclusão. Kehl insistia em que o Brasil se constituía num grande “laboratório etnológico”, capaz de oferecer ao mundo um modelo de eugenia aplicada às condições tropicais¹⁷. Mendes Correia, por sua vez, solicitava dados e fotografias sobre os “tipos humanos” brasileiros, reafirmando a “autoridade metropolitana” na definição dos critérios de classificação racial¹⁸. A epístola, nesse sentido, expõe a tensão entre colaboração e hierarquia, entre reconhecimento mútuo e subordinação colonial.

Ao situar esse intercâmbio no quadro mais amplo da circulação científica atlântica, percebe-se que a “brandura” atribuída à eugenia luso-brasileira é, em grande parte, um efeito de leitura historiográfica¹⁹. Os documentos comprovam a coexistência de aconselhamento moral com projetos de exclusão velada, de valorização da infância com propostas de esterilização compulsória. A suposta “suavidade latina” oculta uma biopolítica seletiva, que regulava chances de vida ao gerir casamentos, escolarização e saúde pública²⁰. As cartas entre Kehl e Correia, assim, iluminam o paradoxo de uma

¹⁴ STEPAN, *The hour of eugenics*, op. cit.; TURDA; GILLETTE, *Latin Eugenics*, op. cit.; CLEMINSON, “Between Germanic and Latin eugenics”, op. cit.

¹⁵ KEHL, Renato Ferraz. Esterilização para aperfeiçoamento humano. *Boletim de Eugenia*, v. 1, n. 12, 1929, pp. 4-5.

¹⁶ MENDES CORREIA, António. O problema eugénico em Portugal. In: CONGRESSO NACIONAL DE MEDICINA. *Actas*. Porto: Enciclopédia Portuguesa, 1928. pp. 1-8.

¹⁷ KEHL, Renato Ferraz. Carta a António Mendes Correia. Vila de Moncorvo, 27 jul. 1927. Centro de Memória, Fundo Santos Júnior.

¹⁸ MENDES CORREIA, António. Carta a Renato Kehl. Rio de Janeiro, 5 mar. 1926. Fundo Renato Kehl, Casa de Oswaldo Cruz.

¹⁹ WEGNER, “Eugénisme latin”, op. cit.

²⁰ GIESBRECHT, Daniel Florence. Eugenia e catolicismo no Brasil: um estudo a partir da produção intelectual católica do Rio de Janeiro nas décadas de 1920 e 1930. *Revista de História Regional*, 2024; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 1, n. 2, 2008, pp. 150-153; SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

eugenia que, sob a capa da moralidade, reproduzia hierarquias e dispositivos de eliminação, constituindo-se como parte integrante da história da medicina no Atlântico.

Considerações finais

A análise da correspondência entre Renato Kehl e António Mendes Correia demonstra que a epístola deve ser lida menos como um registro privado e mais como uma tecnologia de prestígio, capaz de produzir autoridade e consolidar redes científicas transatlânticas. Os gestos de envio de livros, resenhas e convites funcionaram como moedas simbólicas que legitimaram posições no campo médico e eugênico, revelando a natureza performativa da correspondência científica na modernidade.

Ao mesmo tempo, os documentos desautorizam a narrativa de uma “eugenia latina branda”. Tanto no Brasil, com as propostas de esterilização e legislação matrimonial de Kehl, quanto em Portugal, com o relatório oficial de Mendes Correia sobre o problema eugênico, observam-se práticas de seleção e exclusão encobertas por retóricas morais e preventivas. A ambivalência entre aconselhamento e repressão expõe como a eugenia se consolidou como parte fundamental da história da medicina moderna, operando no limiar entre o cuidado e o controle.

Essa investigação reafirma o mérito da pesquisa em arquivo e do cruzamento crítico com a teoria social. O acesso a cartas inéditas, somado à análise de periódicos, monografias e relatórios oficiais, permite lançar nova luz sobre a constituição da eugenia como prática médica e biopolítica no Atlântico. A originalidade da abordagem reside em tratar a correspondência científica como dispositivo de prestígio, deslocando o olhar da simples narrativa de ideias para a compreensão das engrenagens relacionais que sustentaram a medicina e a saúde pública no período. Nesse sentido, o estudo não apenas contribui de forma inovadora para a história da medicina, mas também abre perspectivas para novas investigações sobre a circulação epistolar, os mecanismos de legitimação científica e as intersecções entre biopolítica, colonialidade e saúde.